

COSMOS



CAOS ⇌ COSMOS

Paulo Jorge PM

<http://www.paulojorgepm.net>



Primeira compilação: 2017

Versão de rascunho inacabada

Índice

Não sou poeta	7
Amor...	8
Tudo o que sei o faço da vida	9
A poesia não morreu	10
Fernando Pessoa, o Mestre	12
Tal como o prado	13
Rasga todos os teus livros sagrados	14
O topo da montanha	15
A vida é um cântico à eternidade	16
Último suspiro	17
Não sei quem és	18
As religiões de todo o mundo	20
Este que sou	21
Dormir	22
Sou uma formiga anarca	23
Não há fundo da alma	24
Os caminhos da vida	25
Todas as crises começam na alma	26
Ninguém mais há igual a ti	27
Que inveja das palavras!	28
O que serei amanhã?	29
Se a vida passa	30

Sou uma sombra do meu futuro	31
As pátrias são como prisões	32
Equação dos casados elevados ao Cosmos	33
Equação dos casados elevados ao Caos	-33
Equação de um país	-32
Somos um povo de nostálgicos	-31
O amor é apenas um cio	-30
Uma gota	-29
Os poetas que cantam	-28
Acolhi-te como um pedaço de mim	-27
Rios de recordações	-26
Apaixonei-me pela ilusão	-25
De sono em sono	-24
Ironia	-23
Somos todos turistas	-22
Crescer	-21
Sou um caracol sem carapaça	-20
Pedra de carne e osso	-19
Será a morte vida disfarçada?	-18
Um dia salto de um prédio	-17
Passo a passo	-15
Entristece-me tanto termos formas definidas	-14
Sou o eco de um grito	-13

Às vezes vem-me um azedume a matança	-12
Falar é uma traição	-11
Preso e algemado ao meu próprio ser	-10
A vida é um manicómio	-9
Sou rei	-8
Espelho meu, espelho meu	-7

COSMOS

Não sou poeta...

...Sou um poema!

Amor...

Sentimento de dar mesmo quando não se tem.

Mais nobre pilar no coração de alguém.

Castelo de paz, recanto de luz,

Quem tem amor não sente o peso

Da sua própria cruz.

Tudo o que faço ou sei da vida
Se perde em palpites sem saída:
Quem sou, fui ou serei? Nada sei.

Este é o lema: vive sem o dilema
Do ser, viver, existir ou estar.
Tudo o que faças que valha
Simplesmente pelo gozo de o executar.

Questionar o perfume da rosa
Mata a essência que a rosa tem.
Não cries dor por pensar naquilo
Que só o coração pode ver mais além.

O mundo não é uma caixa de areia,
Onde o cientista teima em contar
Cada grão, reduzido a uma equação
Que resume o tudo, o depois e o agora.

Embora no contar haja sentido,
Nele nunca haverá finita conclusão.
Que vale contar todo o pó do infinito
Se não compreendes porque o contou a mão?

A poesia não morreu.
Só morre o que nasce
E a poesia nunca nasceu.

Ela é como Deus. Existe.
Sempre existiu sem nascer
E existirá depois de morrer
Porque em tudo o que existe
Persiste a chama da vida,
A busca e a saída daqui
Para um mundo melhor.

Neste mundo falta muita poesia...
Os homens amam-na como amam a Deus:
Boca cheia, coração vazio. Poetas ateus!
Um paradoxo! Nenhum poeta pode ser ateu!
A poesia fala do que vai para lá de lá
Da montanha de carne e se estende até
Aos vales sem fim da alma e de tudo,
Por becos negros, por poços sem fundo,
Por prados de luz, até aos clarões no fim do mundo!

A poesia é a própria vida vertida em palavras
Numa língua que só o coração conhece.
Ler poesia é rezar ao Deus do silêncio,
Ao Deus do mistério, ao Deus do medo
E ao Deus do amor! Suplicando baixinho
Que embalem a nossa alma com todo o carinho
Em possessos de ternura e de clamor,
Mas também de fúria, de raiva e azeda dor,
Pois onde há Deus há também sempre o Diabo,
A vida é feita do amor que a ambos une e despedaça,
Num ciclo de explosões cósmicas e geladas.
Nós, mortais, não somos mais do que faíscas

Desse eterno coito inacabado.

Por Deus e o Diabo se odiarem com amor nós existimos,

Eternos fetos sedentos de poesia!

Fernando Pessoa, o Mestre.
Incompreendido pela razão,
Sua pena escrevia somente,
Somente do coração.
De poucos fez-se muitos.
Armada de mil homens
Sob as costas de um só escudeiro.
Ansiavas o todo, mundos
Além-vidas, além tudo que vai daqui.
Soltaste-te da esfera uniforme,
Mas o todo continua vivo em ti!

Tal como o prado
Seria menos prado
Sem malmequeres
Ou jasmíns,
Também a vida
Seria menos vida
Sem ti nos seus jardins.

Rasga todos os teus livros sagrados,
A tua Bíblia, Bhagavad-Guitá, Alcorão...
Junta os teus escritores, autores, poetas amados,
Com todos acende uma fogueira, um enorme clarão!

O teu Deus és tu.
O teu amor és tu.
O teu pai e mãe és tu.
És tu, tudo és tu
E a ti te bastas!

O topo da montanha

O ignorante teme estar só, não suporta um dia isolado no topo da montanha.

O sábio apenas não vive isolado no topo dos topos mais distante

Por temer apaixonar-se pela solidão, nunca mais desejando voltar à vila.

- De que serviria encontrar o paraíso se não o pudesse partilhar?

A vida é um cântico à eternidade onde
Os dias são versos e os anos quadras.
Como será o cântico meu e o cântico teu
No findar da última página?

Não te demores a enfeitar a capa,
A corrigir erros, rever gramáticas,
Pois no livro que é a tua vida
Tudo o que importa é a poesia.
A biblioteca, que é o universo,
Te aguarda, verso a verso.

Último suspiro

No alto da vida
Eis os esquecidos
Libertos na morte
Do que deu a sorte.

No topo do muro
Vivem os vencidos
Num abraço afastado
De medos antigos.

No canto do alto
Cantam os mendigos
Já não comem sopa
De restos cedidos.

No jugo da morte
Tombam os fortes
Irmãos alheados
Lembrados quem somos.

Não sei quem és
Mas amo-te!
Sei que por entre
A infinidade do tempo
Os meus passos
Hão de ter até ti,
Alma amiga
Capaz de me abraçar
Como quem segura a vida
Com medo que acabe.
Alma bela
Capaz de ouvir
Os gritos mais silenciosos
Nos abismos do meu ser
E se sentar, escutando
Cada um como se fora
A voz de Deus chorando.
Alma imensa
Que desejo amar
Com a mesma força sem fim
Com que os planetas
Giram por todo o universo
Gerando, criando e emanando vida.
Sei que desejas o mesmo para mim.
Não te conheço,
Ainda não te conheço,
Nunca te encontrei,
Mas sei que os caminhos
Do infinito algum dia
Darão até ti!
Dizem que o tempo não existe,
Que é infinito,
Que assim seja também
A minha paciência até te encontrar.

Até lá, fica nestes versos
Um testemunho em forma de abraço
Que se estende de mim, no hoje,
Até ti, num amanhã.

As religiões de todo o mundo
São cemitérios de Deuses!
Definir o indefinível é matá-lo.

Este que sou
Podia tão bem ser outro!
O berço onde nasci
A casa onde cresci
A família que tenho,
Todos amo mas desdenho,
Pois sendo, limito o que sou.
Abram-me alas para o infinito
Pois nele habitará a minha alma!

Dormir

Em breve visto a minha alma de preto.

Esquartejarei o corpo com fios de lã.

E no infinito do desassossego

Correrei até ser de manhã.

Sou uma formiga anarca,
Que face ao tédio que mata
Decidiu não viver como a colmeia.

Caçar, criar, comer, dormir,
A vida assim é chata de existir.
Antes anarca, face ao tédio que mata.

Sem rumo, qualquer rumo é bom.
Com rumo feito tudo perde o tom.
Antes anarca, face ao tédio que mata.

Não há fundo da alma

Mais profundo

Que o fundo

Da tua.

Os caminhos da vida são em terra batida,
Em íngreme declive, solitária subida
Rumo a um topo que só os mortos souberam mapear.
Mas os canteiros (para quem os sabe olhar),
Têm mil flores de tal beleza, aromas sem par!

Quem lamenta, apenas se perde no lamentar.
Que importam as mil tristezas duma vida
Quando todos temos por certo que no fim da subida,
Nos espera o mesmo topo, a mesma casa, o mesmo caminhar?

Olhemos os canteiros, cheiremos as flores,
Pois mais importante que chegar ao castelo
É o caminho até ele - que seja sempre belo!

Todas as crises começam na alma.

Enquanto tiver mãos não temo a fome.

Enquanto tiver pernas não temo o cansaço.

Enquanto tiver um sorriso não temo a doença.

Enquanto tiver um coração não temo a maldade.

Enquanto tiver saúde não temo o futuro.

Enquanto tiver memória não temo o passado.

Enquanto tiver alegria não temo a sorte.

Enquanto tiver vida não temo a morte.

A maior de todas as crises é o medo.

Ninguém mais há igual a ti.
Ninguém sorri assim...
Ninguém fala assim...
Ninguém vive assim...
Ninguém sonha assim...
Ninguém caminha assim...
Único num mar de vida e gente!
Dá-te por contente,
Cada momento é um presente
Pois mais ninguém o viverá assim!

Que inveja das palavras!
Supostamente eu é que tenho vida,
Mas só elas podem viver para sempre
Numa folha de papel!

O que serei amanhã?
Ora o que me importa
O que serei amanhã
Quando este que sou hoje
Terá já deixado de o ser?

A cada instante morro e renasço
Para uma nova versão de mim
Numa eterna metamorfose
Rumo ao desconhecido.

Se hoje gosto de malmequeres
Amanhã já não o saberei
Pois viver é experimentar
E experimentar é mudar
Sendo o que nunca serei.

Se a vida passa,
Então tudo passa.
Não te demores
A olhar os abismos
Pois eles nunca se demoram
A olhar para ti.

Sou uma sombra do meu futuro
E um eco do meu passado.
O presente é apenas uma ponte
Entre o acabado e o inacabado.

As pátrias são como prisões
Forradas com belo papel de parede.

Equação dos casados elevados ao Cosmos

Q:

Um mais um igual a dois.

Divididos pelo tempo

Quantos serão depois?

R:

Três? Quatro? Cinco? Infinito?

Filhos são a exponencial do amor.

Equação dos casados elevados ao Caos

Q:

Um mais um igual a dois.

Divididos pelo tempo

Quantos serão depois?

R:

Nenhum?

Equação de um país

Um político elevado ao parlamento
É a raiz de todos os problemas.

O futuro do país
É igual à soma
Do quadrado
Do amor
De quem governa.

Somos um povo de nostálgicos.

Amamos o passado esquecendo o futuro.

Oh povo bravo que dobras-te as tormentas

Porque deixas agora tormentos te dobrarem a ti?

O amor é apenas um cio
Disfarçado de gente.
Quem ama, apenas pensa que ama,
Pois quem ama, apenas mente.

Não amamos senão o eu

Que habita no outro.

Procuramos pelo mundo

Cópias de nós mesmos

Para recortar e afixar

Na cama, junto ao nosso leito.

Abraçando, apenas abraçamos o ego.

Amando, amamos sem efeito.

Cínico? - Talvez. Mas acredito no amor

Como causa primeira de tudo o que existe!

Apenas não acredito em pessoas,

Pois amar espelhos é fácil,

Mas amar tudo ao eterno

Já é coisa de santos e deuses.

Talvez por isso sejam tão raros no mundo...

Viva quem ama, mas com amor profundo,

Tanto a beleza da vida como a podridão e o imundo.

Uma gota de azeite
A boiar no oceano...

Uma gota de luz
Nos confins do universo....

Uma gota de chuva
A escorrer pelo deserto....

Sou assim, apenas uma gota,
Por não ter ninguém por perto.

Os poetas que cantam
As virtudes do amor,
São como cães que ladraram
Por ter cio e calor.

Acolhi-te como um pedaço de mim.

De tanto te amar transformaste-te

Em carne na minha carne.

Mas crescestes descontroladamente,

Agora és um cancro maligno sem fim!

Os doutores querem-te cortar,

Dizem que és um membro

Que me asfixia, a morte está próxima...

Mas eu não o permito!

Prefiro mil vezes morrer asfixiado por ti

Do que de fome pela solidão da vida.

Rios de recordações

Correm dentro de mim.

Ou eu as mato primeiro

Ou elas me matam a mim.

Apaixonei-me pela ilusão
De estar apaixonado.
Na ilusão da vida
Iludi-me de ser amado.

De sono em sono
Vamos treinando
Para a morte.

Ironia

Todos procuramos por Deus.
Todos estremeçeríamos de medo
Se ele nos encontrasse primeiro!

Somos todos turistas
Num sonho maluco
De algum deus
Que não nos ama.

Onde estás que não te vejo?
Quem és, que não te sinto?

Todos falam de ti
Como se todos os dias
Tomassem café contigo
No café do largo.

Mas eu sei, aí eu sei,

Que todos choram por ti
Quando no breu da noite

Ninguém há para a quem mentir!
Deus, quero acreditar em ti,

Por favor acredita em mim primeiro!
Na minha cómoda, ao lado da cama,
Tenho todas as noites chá e bolachas
À espera da tua visita.

Vem, antes que o chá fique frio.

Crescer

Em criança

Sonhamos salvar o mundo.

Em adulto

Sonhamos que alguém nos salve.

Sou um caracol sem carapaça.
Vagueio sem rumo e sem casa
Em busca de um rumo qualquer.
Deambulo por ruas e praças,
Dormindo em becos e matas
Só eu e eu, mais ninguém.
A quem não tem para onde ir
Qualquer destino lhe basta.
O que interessa é partir,
Seja com ou sem esperança.
Sou um caracol sem casa,
Rastejo só entre a lembrança.

Pedra de carne e osso

A diferença que vai de mim para uma pedra,
É o saber que eu não sou uma pedra.
- Mas o que sou então?
Eis que terminam as diferenças.

Será a morte vida disfarçada?
E no final da vida aqui encenada
Começará vida nova realizada
Ou será a morte real e definitiva,
Terminando todo o fôlego de vida
Num eterno dormir apagado?
Às vezes pergunto-me e não sei,
Se a cada momento e suspiro
Mais eu morto ou mais eu vivo,
Mais eu sou ou nada serei,
Mais eu existo ou desisto,
Mais eu rio ou chorarei.

Somos cegos com força ao pescoço,
Num alto, frente a um negro fosso,
Amnésicos da nossa atual situação.
Sob os nossos pés, uma bola de pedra,
Que equilibra e sustenta a respiração.
Todos temem se lançar no grande fosso
Apodrecendo na sua pequena berna,
Sem saber se o salto será a condenação,
Ou se a força não tem corda presa nem aflição.
Alguns cegos creem no grande torturador,
Que tudo é um teste, que ele volta para nos soltar.
Outros tecem lamúrias bravas, que a corda é real,
E o fosso tem por berço nosso último funeral.
Entre uns e outros há os cegos que desistem,
Lançando-se ao fosso sem esperança final.
Do último salto ninguém tem memória,
Nem gemidos mudos nem gritos de vitória.
O silêncio é total.
Como será o teu salto no final?

Um dia salto de um prédio
Com um guarda-chuva aberto
Para testar as leis da física primordial.
Furo que salto!
Apenas rezo que a física esteja errada.

Busco asas pra imortalidade
Todos nascemos sós e nus
Mas na terra
Nada mais seduz
Às vezes penso o que fui
Quem serei? Vivo mundo
Não falo no que não sei
Vida e morte, não percebo...
Deus nos dê norte
Pra entender o seu enredo.
Nesta terra os rumos que tomarei,
Deus sabe, mas eu já não sei.

Passo a passo
Na noite escura
Procuro espaço
Pra minha fuga
Sou prisioneiro
Do mundo e gente
Caminho sério
Mas não contente
Busco a vida
Busco a morte
Nos caminhos
Que faz a sorte
Há muito tempo
Caminho só
Já não me lembro
Quem eu sou
Perdi o rumo
E já não sei
A morada de meu pai
Nos cruzamentos
Desta vida
Cruzei caminhos
Sem saída
No agora eu já não sei
Quem me ama
Se amarei
Os caminhos são de luz
Mas no meu rumo
A escuridão seduz
Olho à volta e já não sei
Quem me quer, quem quereirei
O desejo é liberdade

Entristece-me tanto termos formas definidas.
Que saudades da sopa primordial...
Voltar ao asco da terra primitiva,
Seremos todos unos no formato original!
O sangue de todos os povos,
De Todos os insetos,
De todas as plantas,
De todas as coisas vivas
Diluídos, amassados, triturados
Numa papa primordial!
Queria tanto ser tudo sendo um nada,
A solidão do singular é desconunal...
Reconheço que é um sonho desleal,
Mas é tão triste ter formas definidas:
- Volta sopa primordial!

Haiku da depressão

Sou o eco
De um grito
Numa casa vazia.

Às vezes vem-me mesmo um azedume a matança.
Tomara eu ter uma metralhadora,
Apontá-la ao mundo, apontá-la à toa,
Disparar palavras,
Gestos, protestos, gritos, sons aflitos,
Mandar um berro
E rebentar com tudo o que é mudo.
Rebentar comigo e ficar só eu.
O corpo é peso morto,
Só o coração merece viver.
Tomara eu que falasse.

E tão triste ser tanque de carne blindado.
O meu coração vive amarrado sem se mexer.
Quero ser ar, fogo, vento e areia,
Uma bomba voando um céu que clareia,
Uma coisa livre e uma qualquer.
Estou farto de não dar parto,
As palavras abortam ainda no ato
E eu continuo virgem no ser.

Às vezes vem-me um azedume a matança.
Cresce-me um ódio tamanho de mim!
Apetece-me arrancar o peito à dentada,
Rasgar as veias como se fossem nada
Ferver o sangue e queimar a pele
Roer as costelas a carne e o fel
Segurar o coração como uma criança
E esventrá-lo ao mundo, atirá-lo
À rua, ao chão imundo,
Deixá-lo num beco qualquer.
Não o quero só para mim!

Falar é uma traigão
Ao que sinto ou sei,
Pois só em silêncio
Ecoam as palavras
Que nunca direi.

Se falo pouco.
Se calo nada.
Entre um e outro
Eis a imagem
Que de mim se formou.

Preso e algemado ao meu próprio ser,
Vivo a vida no cárcere que é o próprio ato de viver.
Procuro e não encontro, escuto mas nunca ouço,
Quem me chega a mão aqui, neste fundo do poço?

A vida é um manicômio
E nós somos os doentes.
Vagueamos pelos corredores
Ora tristes ora contentes,
Ora mansos, ora dementes,
Prisioneiros sem o saber,
Encarcerados no nosso ser,
Vagueamos...

Paredes de carne.
Grilhões de osso.
Presos no corredor
Como peixes de mar
A nadar num poço.

Drogaram-nos à nascença.
Vagueamos atordoados.
Confundimos o toque do ouro
Com a vontade de sermos abraçados.
Sentimos com os olhos
E com as mãos olhamos.
Pelos corredores, na escuridão,
Vagueamos...

Castelo de Carne

Sou rei.

Soberano máximo do meu palácio.

Do alto das muralhas sem fim

Vejo todo o mundo,

Mas nunca me vejo a mim.

Espeelho meu, espeelho meu...
...O que é ser Eu?

CAOS

7	Não sou poeta
8	Amor...
9	Tudo o que sei o faço da vida
10	A poesia não morreu
12	Fernando Pessoa, o Mestre
13	Tal como o prado

14	Rasga todos os teus livros sagrados
15	O topo da montanha
16	A vida é um cântico à eternidade
17	Último suspiro
18	Não sei quem és
20	As religiões de todo o mundo
21	Este que sou
22	Dormir
23	Sou uma formiga anarca
24	Não há fundo da alma
25	Os caminhos da vida
26	Todas as crises começam na alma
27	Ninguém mais há igual a ti
28	Que inveja das palavras!
29	O que serei amanhã?
30	Se a vida passa
31	Sou uma sombra do meu futuro
32	As pátrias são como prisões
33	Equação dos casados elevados ao Cosmos
-33	Equação dos casados elevados ao Caos
-32	Equação de um país
-31	Somos um povo de nostálgicos
-30	O amor é apenas um cio

Índice

-7	Espelho meu, espelho meu
-8	Sou rei
-9	A vida é um manicômio
-10	Preso e algemado ao meu próprio ser
-11	Falar é uma traição
-12	Às vezes vem-me um azedume a matança
-13	Sou o eco de um grito
-14	Entristece-me tanto termos definidas
-15	Passo a passo
-17	Um dia salto de um prédio
-18	Será a morte vida disfarçada?
-19	Pedra de carne e osso
-20	Sou um caracol sem carapaça
-21	Crescer
-22	Somos todos turistas
-23	Ironia
-24	De sono em sono
-25	Apaixonei-me pela ilusão
-26	Rios de recordações
-27	Acolhi-te como um pedaço de mim
-28	Os poetas que cantam
-29	Uma gota

CAOS ⇌ COSMOS

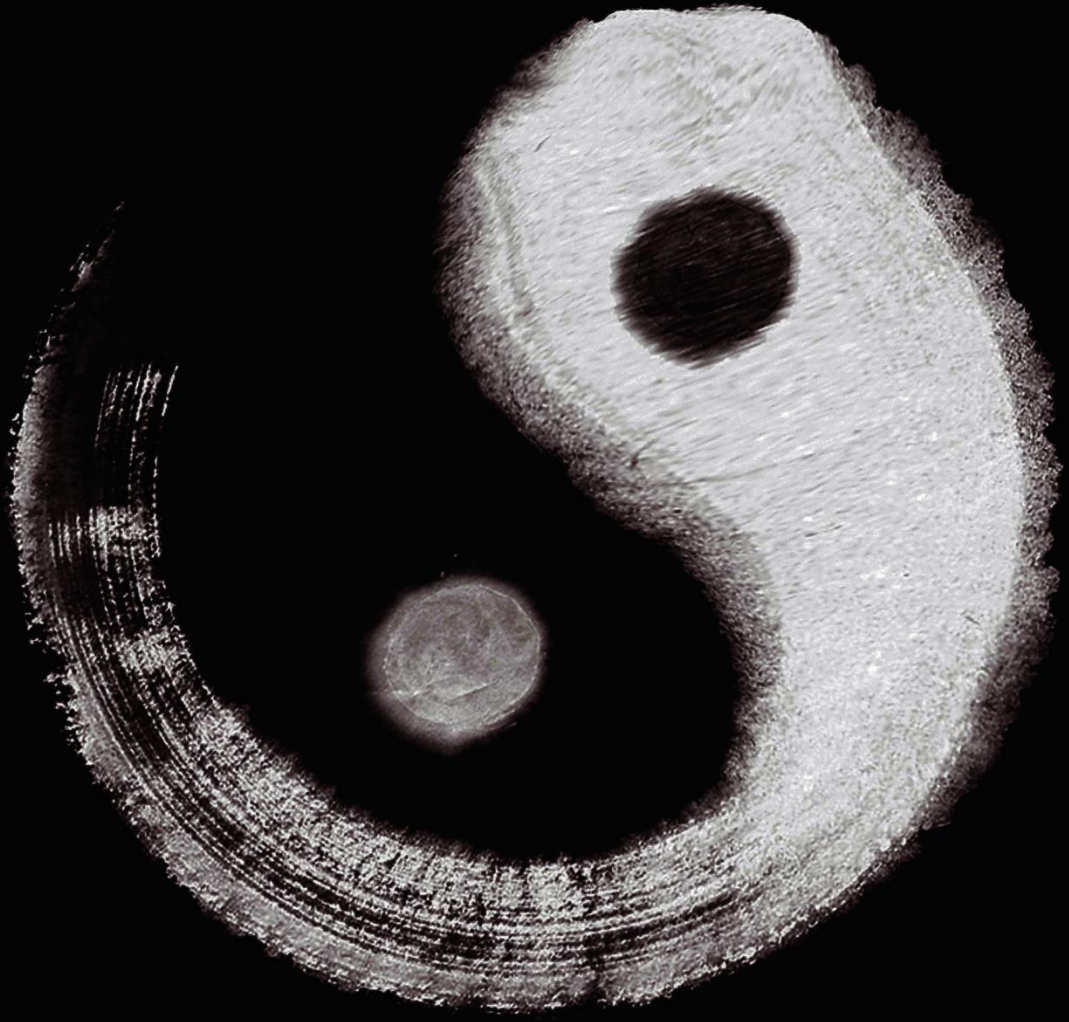
Paulo Jorge PM

<http://www.paulojorgepm.net>



Primeira compilação: 2017

Versão de rascunho inacabada



CAOS